Torres Feijó, Elias. "A mais poderosa ponte identitária: Portugal e a Saudade no nacionalismo galego". Maria Celeste Natário, António Braz Teixeira, Afonso Rocha, Renato Epifânio (ed.). III Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade em Homenagem a Dalila Pereira da Costa. Lisboa. Céfiro, 2008, 149-166.

Elias J. Torres Feijó

A MAIS PODEROSA PONTE IDENTITÁRIA: PORTUGAL E A SAUDADE NO NACIONALISMO GALEGO

Em 1916, é publicado um folheto por Antón Villar Ponte, subordinado ao título: "Nacionalismo gallego. Nuestra afirmación regional", escrito "en castellano, por razones de propaganda", segundo o autor afirma na contracapa do livro. Centrado particularmente no idioma, utiliza sistematicamente Portugal como referente de analogia, reintegraçom e emulaçom: "Nada, pues, más patriótico, necesario y urgente que nuestro empeño nacionalista, que nuestro afán de rehacer, en lo posible, la destrozada tradición y de conquistar la plena autonomia espiritual, base de todos los progresos económicos" , afirma na página que conclui o livro com "estas palabras del ilustre Teófilo Braga" (1916:35), que vinham do seu prólogo ao *Cancionero Popular Gallego* de Rodriguez Ballesteros (1885:IX), outras vezes repetidas:

> 'A Galliza é a provincia mais duramente submetida á unidade politica, e mais sacrificada pelo centralismo administrativo; ella resiste pela sua tradição lyrica, em que conserva a sua feição éthnica... A Galliza perde a sua existencia politica e, por tal acto, apaga-se a sua cultura'.

Dous anos mais tarde, a constituinte 'Primeira Asamblea Nazonalista de Lugo', em 17 e 18 de Novembro de 1918, aprovava um Manifesto "Ao pobo galego" (Tip. El Ideal, A Corunha, 1918) que fixava o programa político das *Irmandades da Fala* constituidas no ano anterior, com o impulso, entre outros, dos irmaos Antonio e Ramón Villar Ponte e que afirmava, no seu ponto 6:

> "Crendo na acidentalidade das formas dos gobernos, intrésanos acratar que nos apelamos por ningunha, mais simpatizaremos, dende logo, con aquela que se amostre mais doada para chegare á Federación con Portugal".

Passava, pois, Portugal, a integrar o conjunto repertorial da acçom política nacionalista no seu momento fundacional (1916-1918) num lugar explicitamente preferente.

A esta via, vai unir-se a que procede dumha consideraçom mais essencialista e, em parte, culturalista, do carácter nacional galego. É a representada por Vicente Risco, um dos assinantes de aquele Manifesto, quem, em 1920, dá à luz a sua *Teoría do Nacionalismo Galego*[1], primeiro e decisivo texto teórico, como o título indica, do nacionalismo galego, elaborado polo intelectual mais influente no galeguismo na altura. Se as ideias de Villar Ponte sobre Galiza e Portugal conhecem umha linha de continuidade desde Alexandre Herculano, Teófilo Braga ou Oliveira Martins, como era a tradiçom do galeguismo liberal que liderava Manuel Murguia, o referente político-cultural fundamental de Risco é agora Teixeira de Pascoaes, e a sua teoria do Saudosismo, que o intelectual galeguista vai colocar como alicerce da civilizaçom atlântica galego-portuguesa que defende, mas, significativamente, sem citá-lo, e nom por desconhecimento (Risco conhecia a obra de Pascoaes desde antes[2]), fazendo assim funcionar a teoria da saudade que estabelece como elaboraçom, se nom *ex nihilo*, polo menos substantivamente galega ou como verdade assente. Risco, apropria-se do saudosismo e a sua teorizaçom da saudade para colocá-la, sem citaçom de origem intelectual, no centro do ser galego (1920:16)

> Temos dos britanos, o humorismo, temos dos franceses, o senso crítico; temos noso, o lirismo e a saudade. Tres calidades que caracterizan a alma romántica. Falo do verdadeiro romanticismo, de xeito alemán, de xeito británico; non da exaltación pasional que en España se chamou romanticismo. O único romántico verdadeiro que houbo en España foi un galego, foi Nicomedes Pastor Díaz.
>
> O *romanticismo* foi a pirmeira insurrección do espirito nórdico – atlántico e celta – contra do espirito mediterráneo. Foi co romanticismo co que rexurdiu a cultura galega. Non somentes a simetría clásica: a bambolla retórica dos mediterráneos e mailo misticismo convulso e epiléptico dos iberos, que na alma española se daban a man, sonnos completamente estraños. Aquí ata os frades foron escépticos e eruditos, proba: Sarmiento e Feijoo.
>
> É nisto onde se ve mellor a nosa diferenzación nacional.

Como se vê, o vínculo forte dessa saudade está conectado com o carácter céltico da raça galega. Risco fala da existência de três civilizações na Península, citando a tripartiçom feita polo catalao *Xenius* (cujo fundo estava, na realidade, no também catalao Ribera i Rovira[3], vid. Torres Feijó, 2008), ideia que o galego atribui em *Xenius* à inspiraçom do Saudosismo português (1920:24):

> a civilización mediterránea! da Intelixencia; a oriental e maila yankee son as da Vontade; a de Portugal e de Galiza é a civilización da Memoria... Morriña e Saudade. Esta idea andaba xa espallada entre nós. A transcendencia futurista dese sentimento, cecais da perdida Atlántida, dunha vida asolagada baixo das ondas do mar azul, fora xa notada por certos agudos espiritos da mocidade galega.
>
> Pois ben: ata o de agora, foran a civilización da Intelixencia e maila da Vontade as que se atoparan en conflito. A nosa, a civilización saudosa da Lembranza, ainda se non presentou na escena do mundo. Noso destino futuro é crear e impoñer esta civilización nosa que ha ser a civilización atlántica".

[1] Esta publicaçom, em folheto de 44 páginas, saída da Imprensa do jornal *La Región*, de Ourense, e que conhecera um avanço em "Teoría do Nazonalismo Galego", do periódico *A Nosa Terra* , 61, A Coruña, 20-VII-1918: 1-2, transcreve também os acordos das Assembleias Nacionalistas de Lugo e Santiago (esta de Outubro de 1919), e nom seria reeditado até 1981, (Risco, 1981). Cito pola ediçom mais acessível da Fundación Vicente Risco (http://www.fundacionvicenterisco.com/gfx/Descargas/Teoria%20do%20nacionalismo%20galego.pdf), com a advertência de que o original foi adaptado à ortografia que propugna a Real Academia Galega. Em 2001, foi publicada a ediçom fac-simile com estudo prévio do especialista Prof. Justo Beramendi, que pode ser consultado em http://www.fundacionvicenterisco.com/gfx/Descargas/estudo_critico.pdf

[2] Incorporando, aliás, as ideias saudosistas já nos seus escritos de 1918 em *A Nosa Terra*, que Risco mostra como surgindo paralelamente na Galiza e em Portugal, embora noutros casos dê a primazia a Pascoaes e mesmo considere o Atlantismo devedor do Saudosismo e do *Espírito Lusitano* do poeta português (Harrington, 2001: 256-257/259-261).

[3] Do poligrafo, cujo *Portugal e Galicia nación* a "Renascença", publicara um ano antes, insere *A Águia* (Série II, número 8, de Agosto de 1912, pp. 52 a 58) o seu extenso artigo "'A educação dos povos peninsulares', aludindo a "Portugal e Galliza, formando a patria occidental, com a sua missão atlantica e colonial, que constitue a suprema e unica razão da sua existencia independente", de que "uma rama nobilissima os azares da politica iberica tem desgajado; a Galliza", essa região irmã, laboriosa e docissima, que pelo caracter da sua população, pela sua historia, pelas suas tradições, pela sua mesologia e etnogenia, integra a nacionalidade portuguêsa, como parte constitutiva do nucleo nacional do occidente hispanico, a nação galaico-portuguêsa.

A ideia da antiga civilizaçom perdida, da Atlántida submersa, conhecia no galeguismo referências desde os seus inicios, com Verea y Aguiar (1838)[4].

Quanto à Saudade (e, agora, também Morrinha, fórmula específica galega daquela) e ao Saudosismo, que perpassa substantivamente o texto, Risco acompanha quase à risca a poética e a teorizaçom de Pascoaes e de Leonardo Coimbra, a quem sim cita, logo a seguir, como o fundador do Criacionismo nessa Civilizaçom. Essa ausência de referências a Pascoaes e a alusom a Coimbra sem vinculá-lo directamente ao Saudosismo, condiz com a ideia que o galego vai deixando de ser a consideraçom da Saudade como matriz da galeguidade (e, também e daí, do ser português) umha fabricaçom se nom galega polo menos sem marca de origem.

Para caracterizar o papel específico da Galiza nesse esquema civilizacional, Risco reitera umha das mais poderosas construções do galeguismo, também presente já em Verea e Aguiar, desenvolvida e fixada por Murguía e propagada sobretudo por Eduardo Pondal: o carácter céltico, racial, do povo galego, que se veria corrompido polo contributo sulista em Portugal (1920:25):

> Mais a todo ese saudosismo e creacionismo portugués aínda lírico de máis, e ata se me apuran ibérico de máis, cómprelle un pouco de lazo nórdico. Galiza, sendo máis céltica, é máis sintética, e ese matiz fai precisa a nosa colaboración na civilización atlántica.

[4] Risco dedica à Atlántida um breve capítulo, "O Símbolo da Atlántida", que diz integralmente (1920: 25)
Algún quixo explicar a saudade nosa dicindo que suspirabamos pola asolagada Atlántida, de onde cicais viñeran os nosos avós - kimris, siluros, milesios ou danandis ...
Foi a Atlántida un continente histórico? Pouco importa. A Atlántida, hoxe cuberta polas augas salgadas do Óceano, é un símbolo: é o símbolo da nosa civilización céltica, escurecida e asoballada por unha civilización estraña e inimiga, que é a civilización mediterránea, traída aquí polo imperialismo romano, prototipo de todos os imperialismos.
E é tamén o símbolo da nosa nacionalidade galega, tamén escurecida tamén asoballada por un poder que para nos igualar con pobos de outra raza , trata cunha rabia cega de nos roubar a lingua, o noso carácter, a nosa fartura e a nosa liberdade.
O fundimento da Atlántida pode non ter que ver coa nosa orixe, mais o seu rexurdimento sinala unha finalidade ao noso porvir. Temos que restaurar a Atlántida en espíritu e verdade, ou sexa en civilización.
Para iso imos nós, os nacionalistas galegos, apurar todas as posibilidades da terra e da raza, e adonarnos axiña do presente, ata que poidamos chamar ao Atlántico "*mare nostrum*"...

Esta tendência saudosista galeguista, alicerçada também no celtismo, é ainda ratificada noutras partes do livro. No capítulo "O Sentimento Galego" afirma-a mais umha vez, recorrendo a um dos primeiros introdutores do Saudosismo na Galiza, Viqueira, que, por sua vez, invoca Rosalia de Castro, a quem Teixeira de Pascoaes louvará como a "Santa Rosalia da Saudade". Viqueira, como Risco também pretende, coloca a Saudade nom apenas como um prezado, o mais prezado, bem cultural e idiossincrático, mas também como umha ferramenta que anima o espírito individual e colectivo galeguista para conseguir os seus objectivos. Dessa maneira, obedecer categoricamente à Saudade é característica intrínseca ao ser galego (e português) e, ao mesmo tempo, justifica a acçom galeguista por essa mesma inerência, a começar pola 'adoraçom da Terra' negada . Diz Risco (1920: 17):

> O ibero é simplemente un pasional, por non dicir como dixo algún, un medular. O celta, en troques, é un *sentimental*. A diferenza aquí, faise máis fonda ainda, entre os outros españois e nós. A maneira de sentir determina a maneira de concebir a vida.
>
> Queredes unha verba - di o noso gran pensador Xohán V. Viqueira - que vós diga en resume o noso lirismo e a nosa alma? Ai a tedes: saudades. ou como tamén dixo Rosalía, delas predilecta, soidades. Nota conquerimos de saudosos e morriñentos, e milleiros de intimos grandes pequenos dramas ve cada dia a nosa raza desa cobiza do lonxe. Bentas de min sexades sexades saudades creadoras de tantas cousas nobres; porque no home o máis nobre é desexar algo fermoso e amado que sendo noso non é noso!
>
> Mais para min, o sentimento radical da nosa afectividade étnica é a adoración á Terra. Terra a nosa! é o noso berro, que se manifesta de cote en toda a nosa expresión artística. É, coma se dixeramos, a emoción do sedentarismo. E a adoración á Terra e mais á saudade, cobiza do lonxe - se non son dúas modalidades do mesmo sentimento - danse tan envolveitas, tan entretecidas unha na outra, que non puidemos ainda separalas, na nosa alma, nin sequera por vía de abstracción analítica.
>
> Esta nosa disposición sentimental causa - direino cun galicismo - un desabusamento inevitábel en todos os pensadores iberos que se teñen parado a nos estudiar, obrigándoos a dar a volta sen comprender nada deste noso espírito calado, reflexivo, intenso, sentimental, romántico, porque non encontran en nós nada que se pareza á súa áspera violencia de euroafricanos.
>
> En troques, o saudosismo é a tónica do espírito lusitano.

Nesse mesmo ano, meses mais tarde (o que vai da Primavera ao Outono) a revista *Nós* (o projecto cultural mais importante do galeguismo do pré-guerra) que ele co-funda com, entre outros, Daniel Castelao, abre o seu número I com um poema do amarantino, "Fala do Sol", dedicado "aos jovens poetas galegos". No frontispício que constitui a introduçom e glossa prévias, afirma-se: "NOS quixó que o seu primeiro numaro fora honrado c'unha páxina inédita do grande e amado Mestre". E, na editorial desse número primeiro, lê-se:

> "Temos a Teixeira de Pascoaes coma cousa nosa, e n-as nosas internas devocións témol-o moi perto da santa Rosalía e de Pondal, o vervo da lembranza.
>
> Teixeira é o Revelador da Saudade: 'ise sentimento que deu forma ó noso lirismo, ise sentimento qu'esta na febra das nósas almas e dos nósos corazós', según a espresión do Cabanillas, sentimento do que Teixeira fai a ética trascendente de dous pobos irmaus. Viqueira sintetizou n-esta verba a psicoloxía galega.
>
> (...) N-as suas verbas, cheas do sentimento relixioso da Terra e da Raza, a y-alma lírica da lusitania virase pra Galizia buscando n'un Pasado común a emoción da nosa solidaridade fraterna."

E, citando-se palavras do próprio Teixeira de Pascoaes, em carta dirigida a Risco, transcreve-se :

> "Temos de voltar a viver espiritualmente en comum. Assim o exige o destino das nossas Pátrias que ainda não está cumprido. Esse destino é como disse muito bem a creação da Civilisação atlântica. (...) O nósso sentimento saudoso (galaico-lusitano) inclue uma nova e original maneira de encarar a Vida e o Universo."

E prossegue a editorial:

> "Teixeira de Pascoaes é nóso, nóso pol-o sentimento, se non o fora coma il di 'no sangue e na alma'. E Teixeira de Pascoaes é o meirande poeta da Iberia".

Talvez, o diferente teor das publicações, umha virada para a fundamentaçom política do nacionalismo e *Nós* dedicada à política cultural, expliquem a passagem em breve prazo da ausência de referência a Pascoaes a esta quase sua omnipresença. O caso é que agora Pascoaes é consagrado

como mestre e a Saudade constitui o principal alicerce da teorizaçom e, note-se da acçom, nacionalista.

Ausente em Villar Ponte, Teixeira de Pascoaes (e, logo, a de pensadores como Leonardo Coimbra, e a de poetas como Alexandre de Córdova) aparecia, em mui pouco tempo, como fundamental e, em parte, como linha de força constituinte do nacionalismo galego. A elaboraçom fora rápida. Tinha como pioneiros Porteiro Garea e J. Vicente Biqueira e como definitivo condensador Risco, e como teorizador poético o já na altura denominado "Poeta da Raza", Ramón Cabanillas, a quem Risco alude nos textos prévios referindo-se ao seu discurso de entrada na Academia Galega naquele mesmo ano de 1920.

O termo saudade era umha reintegraçom galeguista: umha palavra que nom estava no uso quotidiano na castelhanizada Galiza; umha palavra que puxou outras, como *além*. E o Saudosismo era umha importaçom galeguista, nacionalista já do movimento iniciado anos antes em Portugal. Termos e pensamento constituiam nessa data marcante de 1920 um conjunto repertorial central na elaboraçom de ideias nacionalista galega: um conjunto de fórmulas, regras, materiais e modelos para produzir ideias sobre a Galiza e, para através delas, construir umha produçom literária e ensaística central no mundo galeguista, que mesmo reforçasse a acçom política e a sua legitimidade essencial. Um conjunto para ver, classificar e actuar no mundo, no próprio mundo galego. Que servia para defini-lo. No mesmo ano, Pascoaes dedica à Galiza a segunda ediçom do *Maranus*: Será célebre a dedicatória dela, que conhecerá várias versões, feita sobre o poema originário que Leite de Vasconcelos em 1902 elaborara com motivo dumha visita à Galiza e publicada a *Revista Gallega* (e, talvez, inspirada num texto prévio de Bernardino Machado). Nessa edição de *Marânus* lê-se:

> Galiza, terra irmã de Portugal
> Que o mesmo Océano abraça longamente;
> Berço de brancas névoas refulgindo
> O espírito do sol amanhecente;
> Altar de Rosalia e de Pondal
> (...)

Quando Leonardo Coimbra, o filósofo do Criacionismo e o Saudosismo, visite a Corunha em Setembro de 1921, com o Orfeon do Porto,

Alexandre de Córdova, Octávio Sérgio e João Peralta, o evento será o de maior extensão informativa em toda a história de *A Nosa Terra* até à guerra civil. Teixeira de Pascoaes estará presente em inúmeras e variegadas publicaçons da Galiza. Um novo objectivo estava consolidando-se por esta via: o da construçom dum intersistema luso-galego.

A Saudade, como elemento repertorial e bem cultural definidor, foi poderosa e central; mesmo os escritores mais inovadores e menos essencialistas da Galiza em termos de concepçom e repertório literários, como Manuel Antonio, aceitárom o magistério de Risco e incorporárom elementos saudosistas aos seus textos ou até algum, como Amado Carballo, produziu versos existencialistas intitulados "Saudade" (*Proel*, 1927); artistas da vanguarda como Álvaro Cebreiro nutrirom autêntica devoçom polo mestre. O Saudosismo estivo presente em autores galeguistas de todas as tendências: de Otero Pedrayo (vid. Bello, 2002) a Cunqueiro, de Jaime Quintanilla ao absolutamente *pascoalista* Noriega Varela ou ao já citado caso de Ramón Cabanillas. E ela está em linhas e movimentos partilhados com Portugal, como o denominado Neo-trovadorismo, que tinha Bouza Brei como cabeça mais visível (Teresa López, 1997).

Por que esta importaçom? Que espaço vinha a preencher ou a substituir? E, do ponto e vista enunciado neste trabalho, por quê se fala tanto em Portugal da Galiza com motivo da Saudade, e nada se fala ou quase com motivo da galega Inês de Castro ou até da língua? E por que é sobre umha base filosófica que se fala?

Convém começar por advertir que (Torres Feijó, 2008), frente à normalidade secular da cultura portuguesa, a elaboraçom dum sistema cultural galego corre paralela à evidência de uma formulaçom explícita de autonomia política, nos seus diversos graus até à independência. Nom é possível explicar esse processo e as relações culturais galego-lusas, se esquecermos o funcionamento permanentemente político da acçom de agentes e grupos galegos e as classes de relações estabelecidas entre agentes e grupos galeguistas e os procedentes de Portugal, também na procura da constituição de um intersistema; e o carácter de *locus privilegiado* que a expressom literária e cultural tem em casos em que a expressão política está interdita ou é muito pouco rendível.

Para explicar a presença e sucesso do Saudosismo na Galiza, convém fixar os postulados galeguistas em relaçom a Portugal. Se escolhermos um

dos momentos genéticos e ao mesmo tempo sintéticos da construçom identitária galeguista, os Jogos Florais de Tui de 1891 e, mais em concreto, o discurso líder galeguista do século XIX, Manuel Murguia, podemos observar as seguintes linhas e frorça em relaçom a Portugal (Torres Feijó, 1999):

> a) a comunidade linguística determina a existência de um intersistema galego-luso-brasileiro e legitima a diferente nacionalidade.
>
> b) Camões, pola sua origem e escrita, é também património galego, as glórias galaicas povos e a comum origem literária reforçam a unidade.
>
> c) Portugal e a Galiza partilham a lírica popular, essência fundadora da nacionalidade.
>
> d) a unidade lingüística legitima a patrimonialização galeguista de Portugal.

A esta procura de vínculos fundadores e activáveis com Portugal somará-se no futuro a Saudade e o Saudosismo. Repare-se em que nengum dos factos invocados por Murguia tem carácter essencial e instrumental, intrínseco e praticável ao mesmo tempo, para o conjunto da comunidade. Nengum é passível de ser objecto programático e de reflexom para o campo intelectual como característica inerente. Podia sê-lo, por exemplo, o celtismo, que é invocado repetidamente por Murguia, mas ele nom abrange todo o Portugal e nom é sentido da mesma maneira como nuclear por parte dos parceiros intelectuais lusos, embora personalidades como Oliveira Martins (1881) sustentassem o carácter celta do povo português. Certamente, a palavra Saudade nom aparece no discurso murguiano nem no galeguista até os finais da década e dez. Mas, ao aparecer, tem um importante conjunto repertorial a que vincular-se, caso dos enunciados referidos à lírica popular, à fatalidade de alma de que fala Murguia neste discurso, ao Medievo galego ou a Inês de Castro, factores todos que podem acolher no futuro formulações saudosistas. Da alma nacional fala o próprio Martins na carta em que se desculpa por nom poder assistir aos Jogos a que fora convidado, publicada no número 5 de *La Patria Gallega* de aquele ano, ao afirmar que ela é "vibramentemente" pulsada nos *Cantares Gallegos* de Rosalía, que será elevada, como vimos, a Santa da Saudade.

Anos mais tarde, a Saudade e o Saudosismo vam conhecer um impulso que os levará a um dos centros do sistema cultural português, no seu campo de produçom restrita, da mao da Renascença Portuguesa e Teixeira de Pascoaes. A Saudade será motivo poético e d - comentário galego-português nos periódicos do Norte português, particularmente nos regionalistas e mui especialmente com João Verde (Torres Feijó 2008) e será objecto também de reflexom erudita, em Carolina M. De Vasconcellos, em Pascoaes, em Claudio Basto, em Bell, etc. Com o debate sobre o Saudosismo, a referência à Galiza torna-se incontornável,e a inerência saudosista da Galiza também, como se reflecte na polémica entre Sérgio e Pascoaes, iniciada por aquele na sua "Epistola aos saudosistas"[5]

O Saudosismo aparecerá entom na Galiza com o movimento nacionalista, fazendo parte e justificando-se intrinsecamente como parte da renovaçom repertorial que ele mesmo postula. Na construçom essencialista que já vimos, ele é um elemento explicativo da terra e da biografia colectiva galega, motor e produtor de ideias para o presente, frente ao mais marcado carácter instrumental da língua e ao lado do nem sempre facilmente invocável carácter rácico ("a raza non é tansiquera un siño diferencial da nacionalidade", dirá Castelao, 1944: 41). Ele é, igualmente, apresentado como um modo de conhecimento, singular e específico, mui na linha das reflexões filosóficas da altura, em que o intuicionismo e teorias do conhecimento tendo como base o sentimento estavam presentes no mundo ocidental com força e faziam parte da formaçom e nacionalistas como Vicente Risco. Quando esse galeguismo quer argumentar e actuar essencialistamente, defendendo a sua diferença e a sua singularidade e, ao mesmo tempo, o seu vínculo com Portugal, é de extrema utilidade. Daí, a pertinência e a lógica que ele oferece à *Teoria do Nacionalismo Galego* de Risco, depois acompanhada pola maior parte dos teóricos nacionalistas.

O Saudosismo, foi também contestado, sobretudo por determinados elementos jovens, como Rafael Dieste, em 1927, que censurava o que julgava a sua feiçom paralisante, nom devotada para a acçom e a inovaçom, embora ele o incorporasse também. Dieste, que julgava ter sido um dos erros "dos nosos mestres" afirmar a "urxencia de edificar unha cultura partindo da morriña e demais afagos do repertorio triste", como escrevia

[5] A Águia, Número 22 de Outubro 1913 p. 100.

nas páginas do *El Pueblo Gallego* [Dieste, (1927) 1981:103[6]]." assinava nesse ano um texto com Otero Espasandín, outro jovem da vanguarda, que se apresentava reflexivo e programático sobre o porvir da Galiza; a crítica implícita ao saudosismo como paralisante assoma com maior evidência ao reiterarem a vontade como força motriz frente ao discurso dos "precursores" (Dieste, Otero Espasandín, 1927[7]):

> A unidade interna de Galicia ten que ser a nosa mira primeira. Ela ten que marcarno-los designios máis elementais. Galicia esixtirá plenamente cando o seu corazón, animado de fonda cobiza, teña un resoante latexar. Non abonda que falen uns poucos. As nosas interrogacións, para seren fructuosas, teñen que inquedar o palio da conciencia. Deica hoxe as palabras enxebrismo e galeguismo acubillaron case sempre ideas enguedelladas, en pugna co espirito de hoxe, que non atopa acougo nas vagalumes liricas dos nosos precursores. É mester que asubie o vento no pentagrama das nosas normas. A falla de unidade equivale a nos condenar ao descoñecemento de nós mesmos en conxunto. Dunha entidade singular ou colectiva soio se pode dicir que "actúa" cando chegou a isa unidade, condición do propiamente activo.
>
> Non temos ainda por qué dar creto a ises cantores do mol que queren faguer da saudade e da morriña as nosas primeiras e mellores notas.
>
> ¿Cales son os factores que se opoñen á unidade galega, ao esclarecemento do noso estilo? Parécenos que son: O individualismo sen antenas. Pobreza de fe no noso destino, quizáis por causa do conceptoenfermo que de nós mesmos temos. O non obxectivar, cada individuo ou entidade, o seu ideal, faguendo dil algo emprezado "fora", algo do que un mesmo é instrumento sen deixar de ser fin.A organización da propiedade, feito que encadea as almas labregas coas argolas que estreman as leiras.Eis o problema da nosa mocedade contrapor a isas forzas negativas un grito de xubilosa vontade. Dempois de ben desenguedellado o pensamento, vimos sempre a parar a ista verba: vontade. Non hai recetas revesgadas nin conxuros artificiosos.
>
> Todo fica no fio – remate e comezo – do querer ser.

[6] A este texto alude também Derek Flirter (2000), tratando da construçom identitária galeguista nesta altura, com algumha confusom entre as várias acepções da palavra saudade.

[7] O texto foi publicado no *Eco de Galicia*, nº 315, Havana, em Janeiro de 1927. Pode ver-se em http://descargas.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/12257294408945940543091/028788_0004.pdf

Otero Espasandín é ainda mais explícito no seu sentido anti-saudosista e, daí, também anti-risquiano, neste texto do mesmo ano, reveladoramente intitulado "Artigo pra Mocedade", publicado nas páginas 1 e 2 do *El Pueblo Gallego*, em Março do mesmo ano 1927[8], o jornal do influente político Portela Valladares, que, juntamente com o *Galicia*, eram os periódicos diários que albergavam a produçom galeguista. "Un terco alonxarse dos feitos e das cousas levou ós homes", diz, "nas datas pasadas, ò desacougo de moitas teorías". " Todol-os choromicas foron enfermos. O romanticismo foi unha praga. O misticismo outra", prossegue, para, aludindo a Dieste e à nova geraçom, deixar esta sentença abertamente formulada:

> Amar os feitos i-as cousas e non as teorías – o dito – vagariñentas. Fuxamos d'elas coma do lume. Fuxamos tamén da: "ideoloxía, saudade, ética, fe, alén". Proa a outras ribeiras. Fuxir dos remuiños. O poeta baixou do tellado. O corvo de Pöe, d'ollos afundidos na noite, – mutación – trocouse en lagarteiro d'ollos de ponta. Astra lle gustan as froles de papés, restas d'allos, culleres... pra pintar e faguerlle poemas. Baixou do tellado pra vel-o mundo. (Porque xa non chora, nin escribe poemas c'unha leición moraloide pr'as fillas de María, din os probes diaños que fuxe da natureza. Porque non pon no mundo o espantallo a raudearse do seu "mundo interior" din os pobres diaños que fuxe da natureza).

E, para concluir:

> A nosa xeneración é a chamada pra escachifollar a casca baildeira das verbas: "Ideaes, morriña, fé..., [en troques de revoar atordoados na casca d'ovo das verbas os novos espíritos cravarán as trompas con ledicias, nos neitarios da realidade].
>
> Rapaces, saímos a descubrir Galicia. Ad'onte, a dos poetas, escultores, pintores da raza; a da saudade, rebeldía, alen..., quedou pra mercar – todo a 0,75 – medallas nas eisposiciós nacionaes.
>
> Pra que os nosos poetas, escultores, pintores... da raza solten bagullas coma puños. Pra que os críticos – Alcántara, Francés, Méndez Casal, Sánchez Cantín...– teñan tópicos con que lle fagueren o amor as ilustres corporacións, diputaciós, casinos, irmandades..., da nosa terra. Da terra meiga – como eles din. Rapaces: o dito.

[8] Pode ver-se igualmente em http://descargas.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/12257294408945940543091/028788_0004.pdf

Esta classe de críticas podem adscrever-se aos processos de mudança nos campos literários e culturais, na procura de modificações das posições e funções e agentes e grupos. No caso concreto do campo literário da altura, revelam que o proto-sistema galeguista aumentava em pluralidade e integrantes e que, ao mesmo tempo, a saudade constituía, para alguns, um repertório passado e/ou inservível. E é este carácter de inutilidade para a acçom, que trascende (como acontece em situações em que a cultura ocupa *locus* privilgiado da expressom política) o campo cultural ao campo do poder, o que fará que Saudade e Saudosismo deixem de ter a virtualidade de ferramenta que nos inícios teóricos era postulada polos líderes nacionalistas. Nos anos seguintes, a mesma acçom política derivada da Segunda República espanhola fará que a Saudade perda posições centrais no repertório de elementos e modelos galeguistas.

Expressom notável disto todo é o livro que virá substituir o de Risco como manual capital do pensamento nacionalista, já no Após-guerra: O *Sempre en Galiza*, de Daniel Castelao. Na súa obra, a palavra saudade, plenamente integrada no repertório galeguista e, já, galego, aparece em várias ocasiões, por vezes aludindo aos emigrantes de além-mar, outras já ao conceito como elemento consubstancial do ser galego, tal e como fora elaborado entre 1918 e 1920, em algum caso ensamblando as duas vertentes. Falando dos catorze marinheiros galegos que trabalham no barco em que escreve diz que eles:

> So pretesto de necesidades materiaes, emigraron para satisfaceren anceios metafísicos e compriren os destiños da nosa raza viaxeira, magoada de saudades e ao mesmo tempo enraizada no chan nativo. Quén sabe se a saudade galega non será outra cousa mis que a loita de dous anceios incompatibles: o de estar e non estar na Terra!

O significativo é, no entanto, que na primeira oportunidade em que no livro Castelao alude à Saudade, com letra grande, é para dizer que a "Galiza quer liberdade porque non hai povo en Hespaña con máis fé no seu futuro", e para afirmar (34):

> *As nosas espranzas no caben nos lindeiros da razón. Mataremos, se é preciso, a Saudade; porque a Saudade cicáis sexa unha espranza entristecida, ladroeira de aicións*

Carreguei a palavra cicáis (quiçá) para expressar nesse matiz, enunciado como provável, o facto de o principal referente de todo o nacio-

nalismo galego duvidar (já?) de que a Saudade pudesse ser um elemento activo para a acçom, no contexto dum livro elaborado depois da guerra civil e do exílio, em que muitos galegos e galegas padeceram ou estavam padecendo. É um comentário escrito logo depois da primeira grande experiência traumática de corte e negaçom vividas por um galeguismo ascendente até 1936. Isto nom empece que Castelao considere como principal signo diferencial da psicologia galega a Saudade, na esteira dos saudosistas fundadores galegos(52):

> O signo diferencial da psicoloxia galega está, principalmente, na Saudade. Esta verba é coñecida dos hespañoes; pero somentes nós sabemos o que significa. Este significado ninguén acertou a expresalo; nin siquera Rosalía de Castro, que foi o corpo mesmo da Saudade. Pero a Saudade existe e anda sempre connosco.

E, mesmo, nom é obstáculo para que julgue a Saudade como antídoto contra a desesperança, ao ter *Além* [*sic*, em itálico, revelando no uso (orto-)gráfico, o carácter importado do conceito], num trecho em que, como já outros galeguistas fizeram, entre eles Plácido R. Castro, a quem cita, Castelao volta unir Saudade e origem celta, vinculando esta com as outras denominadas nações celtas, entre as que nom deixa ausente, com algumha ambiguidade, Portugal (355). Ele dedica várias páginas do seu *Sempre en Galiza* a tratar o assunto da Saudade e desenvolver o conceito de Morrinha como consciência daquela (355-357) para concluir, naquele cenário bélico, prolongado pola Segunda Guerra Mundial:

> (...) quen sabe se a Saudade -orixinariamente "soedade" - non será máis que a Morriña! A este propósito lembraremos que alguém quixo esplicar a Saudade como unha lembranza esquecida da remotísima tristura que nos causou o afundimento da Atlántida...
>
> Sexa o que sexa, a Saudade eisiste, e portugueses e galegos somos escravos d-ela. E ainda que Portugal e Galiza non tiveran outros vencellos étnicos, nin outros estímulos comúns que os do lirismo saudoso, abondarianos para que cesase o arredamento en que vivimos, morréndonos de soidade morriñosa. N-esta zozobra do mundo, Portugal e Galiza deben sentirse animados por una decisión inédita e confluente, reitificando os erros da historia e transfigurando novamente a Saudade en Aición. Sólo asi ouvirremos bater as azas da Vitoria sobor das nosas Terras

Os últimos trechos citados corespondem ao capítulo que Castelao dedica à Saudade, começando por caracterizá-la como (352) "o sentimento que abrangue a Portugal e a Galiza n-unha soia eternidade" (352-357), mas colocando o saudosismo, "(nome que Teixeira de Pascoaes deu á relixión da Saudade)" , e "non a Saudade", como estado morboso "do Portugal de Camões e da Galiza de Rosalía, creado pol-a soedade en que vivimos os galegos e os portugueses, ev que terá curación o dia que se borre a fronteira que riscou Alfonso VI".

Castelao enuncia, assim, a Saudade e o Saudosismo como vínculos e pontes galego-portugueses, alargando a consideraçom de elemento espiritual comum, de vertebraçom cultural, de característica identitária à acçom política de procura dum espaço reunificador. Lembre-se que a conclusom do livro reclama umha Ibéria unida com Portugal, onde a Galiza seja a chave entre os dous estados (477) e que é constante a expressom do desejo de o conjunto galego-português puder, uno, exercer plenamente o seu desenvolvimento cultural e social. Castelao discorre nestes parágrafos sobre o carácter espiritual da Saudade para galegos e portugueses, apoiando-se em Pascoaes, Castro ou Nóvoa Santos, e, a partir da frase do poeta luso, "Galiza é um bocado de Portugal sob as patas do leão de Castella", que cita, afirmar que a Galiza, "n-efeito, vive en cautiverio" (354),

> Pero a sensibilidade galega xurde nidiamente dos fondos ancestraes, esenta de contaminacións mediterráneas e plea [sic] de desexos saudosos. Galiza ainda é a fonte máis pura da Saudade, o Norte das ourentacións".

Castelao recolhe, pois, toda a elaboraçom teórica e poética do Saudosismo e da Saudade como bem e ferramenta cultural para convertê-la em instrumento de acçom política, em "Aición", como expressa recorrendo à letra grande, tal e como Pascoaes e os saudosistas portugueses e galegos faziam para referir-se aos elementos fortes da religiom da Saudade. Este é, pois, um passo decisivo que, ao mesmo tempo, revela algumha contradiçom e a insuficiência da Saudade como apenas um bem cultural, sem capacidade de transformar-se em activo, que é o que Castelao faz, conciliando a tradiçom e a fundamentaçom essencialista do nacionalismo galego e do vínculo forte de unidade galego-português com o programa político.

Depois da Guerra Civil, ele surgiu mais umha vez, com a atençom à Saudade prestada por Ramón Piñeiro em particular e todo o Grupo Galaxia em geral, como elemento definidor da comunidade galega e objecto de reflexom filosófica. Igualmente, ela foi utilizada na literatura como veículo identitário ou desenvolvimento dum estado de ánimo, individual e colectivo. Foi título de revistas nos enclaves galegos do após-guerra (como os sete números da mexicana *Saudade: verba galega nas Américas* (1942-1953), ou de relatos de exilados (*Da saudade, amore, arte e misticismo, título do deputado exilado* Antón Alonso Rios, saído em Buenos Aires em 1956)), por exemplo. O conceito de saudade e saudoso estará presente em muitas definições jornalísticas da Galiza, popularizando-se até começar a nutrir textos das primeiras canções que no idioma da Galiza cantava um jovem Andrés Do Barro, como mostra a celebérrima "Teño saudade" de grande sucesso, nos inícios da década de setenta, nos finais do franquismo, cuja letra escreveu um incipiente escritor na altura, Xavier Alcalá. Mesmo, a palavra calhou na populaçom, e estabelecimentos comerciais e bandas populares de música adoptárom o nome Saudade, que pouco antes era umha importaçom portuguesa.

Hoje, Saudade e Saudosismo som objecto de análise académica (tendo como cabeça fundamental a obra do Prof. Torres Queiruga). Nom tenhem já a componente político-cultural e social que puderom ter em outras épocas, particularmente em aquelas em que era preciso reafirmar umha determinada essencialidade galega diferente e diferenciada quando outros caminhos estavam interditos. Mas estám no povo. Ele assumiu, nom tanto as subtis e densas elaborações e reflexões teóricas, mas o conceito e o seu significado como marca genética de galeguidade, ao extremo que substituiu outras como morrinha (que até poderia ser conidérada vulgar frente a mais refinada Saudade) ou senhardade, palavra viva em áreas da Galiza com similar significado. A palavra saudade está nom apenas no nome de grupos folclóricos, herd.eiros daquelas elaborações do pré-guerra, mas no nome de lojas e negócios: cabeleireiras, consultorias, clubes desportivos, cafetarias, centros de fisioterapia...

Mas a sua paulatina perda de força e o seu refúgio no mundo académico como objecto de estudo ou, muito menos, na poesia, num fenómeno que tentarei desenvolver noutro trabalho, e que se explica polo facto de a Saudade ficar como bem cultural e nom como ferramenta, no sentido utilizado por Even-Zohar (2005), som notórias. Da mesma maneira, quando o galeguismo quer actuar cívica e politicamente, ele é inservível, como o mostra a sua praticamente total ausência do programa político e de intervençom galeguista até ao presente e mesmo de repertórios culturais, musicais ou literários do galeguismo actual. Precisamente, polas razões que podiam levar Castelao, naquele momento de indefiniçom e incerteza, fim dum período, a duvidar; e polos motivos que os jovens vanguardistas Dieste ou Otero Espasandín tinham para considerar Saudade e Saudosismo insuficientes e paralisantes, carentes de força para a acçom, negadores de dinamismo.

Saudade e Saudosismo som, pois, um activo, e, embora antigo, com algum sucesso, da fabricaçom e está depositado como bem cultural no povo galego, no seu repositório; nom parece provável que passe, mais umha vez, a ser ferramenta intelectual nem popular de galeguidade, entendida como construçom para actuar no mundo, mas constitui um activo importante, particularmente em algumhas elites, para manter determinados vínculos galego-portugueses, ratificando os objectivos nacionalistas com que desde a Galiza se impulsionou. Pense-se que, ainda hoje, em meios académicos da cultura, talvez seja a propósito das cantigas medievais e da saudade quando mais se ouve o nome da Galiza em Portugal. Desse ponto de vista foi, e é, umha fabricaçom exitosa. Este texto surge dum convite para um "Colóquio Galaico-Lusitano" sobre a Saudade. Como queria, pois, aquele galeguismo do pré-guerra, hoje fala-se em determinados centros intelectuais portugueses da Galiza, a propósito da Saudade, e mesmo com algum pano de fundo similar. E é já um bem patrimonial partilhado, nascido da mais poderosa ponte identitário-discursiva elaborada a duas maos por intelectuais galegos e portugueses há quase um século. Pode, em funçom das circunstâncias, conjunturais ou nom, vir a ser activado noutras dimensões, mas já ficou nesse repositório como bem comum.

Bibiografia Citada:

Bello Vázquez, Raquel (2000): "Celtismo e saudade como repertórios míticos en Otero Pedrayo" in *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero* / reunidos e editados por José Luís Rodríguez.-- [Santiago de Compostela] : Parlamento de Galicia : Universidade de Santiago de Compostela, Servicio de Publicacións e Intercambio Científico. V.2, p. 91-103.

Castelao, Daniel [1992 (1944)]: *Sempre en Galiza* Ed. crítica / coordenador, Ramón Máiz ; autores, Justo G. Beramendi...[et al.] Santiago de Compostela : Parlamento de Galicia : Universidade de Santiago de Compostela, Servicio de Publicacións e Intercambio Científico

Braga, Teófilo (1885): "Prólogo", in *Cancionero popular gallego*. Librería de Fernando Fé, Madrid, p. IX-XX

Cabanillas, Ramón (1920): A *saudade nos poetas galegos*, A Coruña, Tipografía El Noroeste.

Dieste, Rafael [1981(1927)]: "Moxenas", in *Antre a terra e o ceo. Prosas da mocedade (1925-1927)*, Ediciós do Castro, Sada, p.103.

Dieste, Rafael e, Otero Espasandín, Xosé (1927): "Coincidencias", En *Eco de Galicia*, nº 315, Habana, xaneiro. Acessível em *descargas.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/12257294408945940543091/028788_0004.pdf*

Flitter, Derek (2000):"Icons and imperatives in the construction of Galician identity: the "Xeración Nós", *Forum for Modern Language Studies*, XXXVI(3):296-309

Harrington, Thomas S. (2001): "Risco y Portugal: contactos anteriores a la teoría de nacionalismo galego y la revista Nós", Revista de lenguas y literaturas catalana, gallega y vasca, ISSN 1130-8508, Nº 7, 2000-2001 , pags. 247-262. Acessível em http://e-spacio.uned.es:8080/fedora/get/bibliuned:Llcgv-9FE39747-E065-9523-452A-87726CBA25E3/Risco_y_Portugal.pdf

Otero Espasandín, Xosé (1927): "Artigo pra Mocedade", el Pueblo Gallego, Março, Acessível em *http://descargas.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/12257294408945940543091/028788_0004.pdf*

Otero Pedrayo,Ramón (1931): *Romantismo, saudade, sentimento da raza e da terra en Pastor Díaz, Rosalía de Castro e Pondal: discurso de ingreso na Academia Galega coa contesta do Académico Vicente Risco*, Nós,Santiago de Compostela.

Pascoaes, Teixeira de (1920): "Fala ao Sol", *Nós*, 1, 30 Outubro.

Risco, Vicente (1920): "Editorial", *Nós*, 1, 30 Outubro.

Risco, Vicente [(1920) 2000], *Teoría do nacionalismo galego*, ed. crítica de J. Beramendi, Santiago de Compostela, Sotelo Blanco. Acessível em *http://www.fundacionvicenterisco.com/gfx/Descargas/Teoria%20do%20nacionalismo%20galego.pdf*.

Torres Feijó, Elias J- (1999): "Cultura portuguesa e legitimaçom do sistema galeguista: historiadores e filólogos (1880-1891)", Ler História, 36, 273-318

Torres Feijó, Elias J. (2008): "Relacionamento literário galego-português Legitimação e expansão com Sísifo ao fundo", Catálogo da Exposição SUDOESTE, Cáceres, no prelo

Verea y Aguiar, José (1838): Historia de Galicia. : que comprende los origenes y estado de los pueblos septentrionales y occidentales de la España antes de su conquista por los romanos , Ferrol : [s.n.] (Imp. de D.Nicasio Taxonera).

Villar Ponte, Antonio (1916): *Nacionalismo Gallego. Nuestra afirmación regional*, A Coruña, Tipografía El Noroeste.